

09051
CNPGL
1996

FL-09051

Embrapa

Um pouco da nossa história



É melhorando a vida dos produtores.



Um pouco da nossa história.

1996

FL-09051



35284 - 1

República Federativa do Brasil
Presidente
Fernando Henrique Cardoso

Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Ministro
Arlindo Porto Neto

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária -
Embrapa
Presidente
Alberto Duque Portugal

Diretoria Executiva
Dante Daniel Giacomelli Scolari
Elza Angela Battaglia Brito da Cunha
José Roberto Rodrigues Peres

Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite -
CNPGL
Chefe Geral
Airlem Gonçalves de Assis

Chefe Adjunto de Pesquisa
Terezinha Nogueira Padilha

Chefe Adjunto de Desenvolvimento
Luiz Gomes de Souza

Chefe Adjunto Administrativo
Aloísio Teixeira Gomes

Embrapa

«Na trilha da vontade,
a semente; da busca do
conhecimento,
a flor; do trabalho incansável,
o fruto da conquista.
CNPGL - 20 anos».

Eduardo Castor

Um pouco da
nossa história



Embrapa-Gado de Leite
Setor de Comunicação Social
Rodovia MG 133 km 42
Telefax: (032) 215-8550 - Ramais 110 e 116
36155-000 - Coronel Pacheco-MG

Tiragem
1.000 exemplares

Comissão Julgadora do Concurso 20 Anos do CNPGL

Airdem Gonçalves de Assis - *Presidente*
Maria Elisa Monteiro
Matheus Bressan
Katia Maria Cugula de Melo
Mara Alice Sena Felipe
João Medeiros Filho
Marcelo Rodrigues de Araújo

Programação Visual e Editoração
Maria Elisa Monteiro

Digitação
Guilherme de Almeida Machado - estagiário

Revisões
Linguística e Tipográfica
Newton Luís de Almeida

Editorial
Maria Elisa Monteiro

APRESENTAÇÃO DA CHEFIA

Neste ano em que o nosso Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite comemora o seu vigésimo aniversário, nos programamos, através de publicações de caráter técnico-científico, para que, no decorrer de mais alguns anos, possamos conhecer, divulgar, analisar e aprender com o passado, garantindo o sucesso do nosso futuro.

A Embrapa-Gado de Leite cresceu bastante nestes 20 anos. E este crescimento, temos certeza, é fruto do trabalho de cada um dos empregados, de todos os níveis ocupacionais desta empresa. E esta convivência diária, maior até do que com nossos próprios familiares, nos transformou numa grande família, uma grande equipe com objetivos comuns, que procura a unidade do «time», que respeita a especialidade e a excelência dos pesquisadores, que, por sua vez, contam com apoio e a competência dos companheiros de jornada.

Muitas histórias se passaram, nestes vinte anos. Na pesquisa, vimos triunfar muitos projetos arrojados. Colhemos alguns louros e nos decepcionamos com os erros de alguns poucos. Mas a história da nossa gente é permeada de muita união. Algumas são bastante engraçadas, outras alegres e algumas, tristes. Toda esta riqueza, criada pelo nosso convívio, não poderia ser deixada à mercê do esquecimento. Assim, buscamos a colaboração de alguns empregados que se dispuseram a contar, com seus estilos próprios, algumas histórias desta casa, nesses 20 anos de existência.

Esta coletânea de contos é o fruto do **Concurso 20 anos do CNPGL**, realizado de agosto a novembro de 1996. O desenho que ilustra a primeira capa é de autoria de *Mariana Ribeiro Monteiro*, filha dos empregados *João Bosco Neves Monteiro* e *Marlice Teixeira Ribeiro*. O desenho da segunda capa é de autoria de *Viviani da Costa Ferreira*, filha do empregado *José Roberto Ferreira*. A frase, de autoria de *Eduardo Castor*, foi selecionada entre 32 concorrentes e reproduz o sentimento dos «embrapianos» da nossa Unidade. A marca comemorativa dos 20 anos é de autoria do empregado *Wagner Arbex*.

Não poderíamos deixar de apresentar os nossos sinceros agradecimentos à *Mara Alice Sena Felipe* - jornalista, *Katia Maria*

Cugula de Melo - educadora, *João Medeiros Filho* - jornalista e escritor, *Luiz Afonso Pedreira* - escritor e crítico de arte e *Marcelo Rodrigues de Araújo* - estagiário e estudante de Educação Artística da UFJF, pela participação e efetiva contribuição no julgamento do Concurso.

Que as histórias das pessoas da nossa Unidade se enriqueçam a cada dia, cada ano, cada década, consolidando cada vez mais nossa fraternidade.

Airdem Gonçalves de Assis
Chefe Geral da Embrapa-Gado de Leite

Coronel Pacheco, dezembro de 1996.

SUMÁRIO

José do Burro	7
O Leilão e o Frango do Leilão	10
Pereira	12
É a Vó	15
O Camaleão Alface em Juparanã	17
A Cilada.....	21
O Poeta e o Professor	23
Correndo pelo gramado e dizendo adeus	26
Tem que consultar as bases!	28
Arlindotur	30
Cotia.....	33
Descobriundo Talentos	35
Não convidem para a mesma mesa... ..	38
O dia em que o chefe teve acidente	40
Solítico até demais	43

JOSÉ DO BURRO

Vânia Maria de Oliveira Veiga

Conto selecionado no Concurso de 20 Anos do CNPGL

Desde que o CNPGL foi criado, é costume alguns agricultores virem até aqui pedir ajuda para resolver vários tipos de problema ou dúvida que aparecem em suas propriedades. Alguns são relacionados com alimentação de seus animais, sejam eles gatos, porcos, cabras ou vacas; ou com alguma enfermidade, seja de cachorros, coelhos, tartarugas, patos ou papagaios etc. Desta vez o problema foi com um burro.

Aconteceu em uma destas tardes ensolaradas, quando a gente sente prazer em trabalhar no CNPGL. Chegou um Senhor, desesperado da vida porque seu único meio de transporte, um burro de estimação, com nome de Zé, que transportava a família e o leite, machucara a junta da pata traseira e não conseguia mais se locomover, ficando conhecido por isso como «José do Burro».

Assim que o José do Burro chegou, encaminharam-no para a Sanidade e lá se desenrolou o seguinte fato:

- Preciso falá com o veterinário.

- Pois não, vou chamá-lo, disse o funcionário.

Aparece a veterinária. No momento era a única pessoa que entendia de doença de animais, que se encontrava no CNPGL.

- Em que eu posso ajudá-lo, Senhor?

- A senhora, em nada. Pedí prá chamá *O veterináriO*.

- Mas no momento o veterinário clínico não se encontra aqui, só virá amanhã. Sou veterinária e gostaria de ajudá-lo.

- Ó Dona, nem vô falá com a senhora. Pedí prá chamá o Veterinárioo Home, entendeu? Manhã, quando o veterináriOO chegá, eu falo cum ele.

- Tudo bem, por favor, volte amanhã.

- Qui vortá manhã nada, vô esperá aqui mesmo.

Deu 16:45 horas e o José do Burro continuava sentado no mesmo lugar. A veterinária e um funcionário da Sanidade, preocupados, se aproximaram dele.

- Sr. José do Burro, deixe-nos ajudá-lo. O rapaz aqui também entende de animal, poderemos ir até sua propriedade e tentar curar seu burro.

- Óh Dona, nunca vi mué mexê com burro animar, só com burro home. Inda mais a sinhora, pequena deste jeito, invés da sinhora derrubá o burro, ele é que vai derrubá a sinhora. Nem fala mais nada Dona, tô muito nervoso. Meu bicho não pode morrê, senão eu é que vou puxar o leite nas costa.

Como já se aproximava o fim do expediente, o funcionário e a veterinária foram embora.

Chegando ao CNPGL no dia seguinte, o Sr. José do Burro encontrava-se no mesmo lugar. Tinha dormido na varanda do escritório da Sanidade, segundo o guarda. Os funcionários da Sanidade, preocupados, procuraram pelo veterinário, que, por estar com problemas em casa, não poderia vir trabalhar também neste dia. A veterinária resolveu enfrentar mais uma vez o Sr. José do Burro.

- Sei que não vai ficar satisfeito, mas o veterinário não pode vir hoje também. Sei da gravidade do seu problema e se esperar mais, não vai ser possível salvar seu animal. Vamos até sua propriedade, e faço até cirurgia no burro se precisar.

«José do Burro» colocou as mãos na cabeça e começou a falar desenfreadamente:

- Ai meu Deus do céu, lá vem a Dona pititinha, que cismou que güenta o burro. Óia, Dona, prefiro que morra o burro do que a sinhora. Já falei que o negócio dele é nos pé e nunca vi múe virá burro de cabeça prá baixo.

A veterinária, desanimada, liga para casa de seu colega. Ele pede que chame o Sr. José do Burro ao telefone. Conversa com ele. Ao

desligar o telefone, «José do Burro» parece muito mais aliviado.

- Agora, sim, o Doutor falou, tá falado, é home entendido mesmo. Num falei, Dona, que Veterinário home é que sabe das coisa? Nem viu o animar e já sabe o que ele tem, e ainda me explicou direitinho. Bom, fiz o que pude, mas se não dá não dá, o home falou. Coitado do Zé e de mim.

- Então, Senhor «José do Burro», o que o bicho tem? Perguntou a veterinária.

- Num tem é jeito, o Doutor disse que é prá deixá o coitado descansar em paz. Vô levá ele pro açougue, prá num sofrer mais.

Ciente de que fez o que pôde pelo burro, saiu até satisfeito, mas resmungando: "... e a Doninha ainda querendo operá o coitado".

O LEILÃO E O FRANGO DO LEILÃO

Fábio Cordeiro de Souza

Conto selecionado no Concurso 20 Anos do CNPGL

A associação dos Empregados da Embrapa - Gado de Leite - AEE/GL vivia os seus primeiros e inseguros dias de existência. O que pegava mais era a falta de recursos financeiros. Por outro lado, o número de associados com espírito altruístico e festivo era enorme. Bastava anunciar que se pretendia realizar uma festa e muitos voluntários se apresentavam. Alguns, com autorização expressa da chefia, cortavam bambus, bananeiras e preparavam a infra-estrutura para a montagem da festa. Ao final do expediente um mutirão se apresentava para o trabalho e com pouco tempo já estava pronto: a quadra, onde seria dançada a quadrilha, o altar para a realização do casamento na roça, as barracas, com finalidades diversas, o equipamento de som, as bandeirinhas e a estrutura de madeira entrelaçada, uma verdadeira torre, que iria se tornar a atração maior na noite fria de junho - a fogueira.

Enquanto isso, uma outra equipe se desdobrava para angariar donativos e brindes e comprar, com um mínimo de dinheiro, as prendas que seriam leiloadas entre os participantes.

Naquele ano foram adquiridas utilidades domésticas, garrafas de vinho (ainda não se tinha notícia do vinho da Embrapa) e muitos frangos assados. E mais frangos por mais de uma razão: primeiro, porque tinha um baixo custo e no leilão poderia sair por um preço razoável, o que reforçaria o caixa da AEE; segundo, porque era uma boa opção para quem estivesse há tempos na festa, bebericando um delicioso quentão ou qualquer outra bebida que estivesse sendo servida.

Dois ônibus da empresa foram colocados à disposição de empregados e familiares, com saída de Juiz de Fora às 16h, passando por Coronel Pacheco. Por volta das 17h chegaram.

Um clima de alegria e descontração se espalhava pelo ambiente. Aos poucos iam chegando pessoas da vizinhança, e em pouco tempo já havia uma movimentação muito grande no local, fazendo funcionar as

barracas de pescaria, de “vira lata”, de bingo, de canjica, de quentão, de churrasquinho etc.

Logo depois da cerimônia de casamento, realizada pelo padre Beto (Roberto Martins Duarte), assessorado pelo sacristão Geraldo Peão, o mestre José Miguel fez desfilar pela quadra os pares a caráter, ao som da sanfona e do pandeiro, e comandou a sensacional quadrilha.

Sempre empolgado e sorridente, surgia no meio dos grupinhos que se formavam e dizia: “Oh! Oh! amigo velho, vamos ou não vamos? como vai essa força?” Um papinho aqui, outro ali, e lá ia o Pereira, praticando a sua arte de fazer amigos e influenciar pessoas. Se desse trela, já já iria ouvir mais uma do Brizola.

O leiloeiro se cansou, pois gritava muito e quase não era ouvido. O som da festa era mais alto. Foi aí que o Pereira foi acionado para colaborar no leilão. E inovou. Como não se fazia ouvir, gritando de cima do palanque, resolveu caminhar entre o povo, com a prenda na mão, oferecendo uma espécie de leilão “a domicílio”.

Os frangos foram artística e carinhosamente embalados: em um prato de papelão, envolto com celofane, laços de fitas de várias cores, lá estava o frango, enfeitado com folhas de alface e de salsa e com azeitonas verdes e pretas incrustadas com recursos culinários.

Erguendo na mão esquerda o ornamentado prato, com a mão direita acenava, e, às vezes, tocava o ombro das pessoas para chamar-lhes a atenção e gritava: “quanto me dão pelo frango? Uma delícia de frango!”

Uma oferta aqui, outra ali, e... “dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe três”. E acompanhava o cliente até ao caixa e só depois de paga é que a prenda era entregue.

Lá pelas tantas, depois de vários frangos leiloados nesse sistema, o tumulto. “Cadê o Pereira? O meu frango falta uma coxa”, dizia um. “O meu faltam as duas”, esbravejava o outro.

De repente, lá de cima do palanque, passando a língua pelos lábios, sorriso aberto de menino travesso, exclama o Pereira: “Ora, ora, meu jovem! O frango não estava mesmo uma delícia?!”

PEREIRA

Newton Luís de Almeida

Conto selecionado no Concurso 20 Anos do CNPGL

Há certas coisas na vida da gente que até parecem mesmo coisas do destino. Nunca poderia imaginar que um dia fosse trabalhar no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, em Coronel Pacheco. Agora, com quase dezoito anos de Embrapa, a gente sente saudades de tanta coisa que já passou.

- Você trabalha na Embrapa? Então deve ser marajá...

Como as pessoas gostam de fazer mau juízo dos outros... Vê lá se marajá precisa pagar aluguel de "apartamento", bater cartão-de-ponto, fazer greve por melhor salário, estar quase sempre com o cheque no vermelho e às voltas com empréstimo.

Em meio a incertezas e agruras do caminho, há os dias de sol, principalmente quando coincide com o final de semana.

"Há dez anos". Poxa, como o tempo passa depressa! Trabalhávamos até sexta-feira; sábado fomos jogar futebol de salão na Casa d'Itália.

- Você vai lá, amanhã?

- Se Deus quiser.

E lá estávamos nós, suados, com o rosto vermelho. E lá estava ele, todo sorridente. Gostava de jogar mais atrás, na defesa, de onde sempre experimentava acertar o gol. Quando conseguia, como vibrava; para ele parecia que o dia estava ganho. Alguns colegas ficavam depois do jogo para a cerveja na cantina; eu, geralmente, saía, porque tinha de buscar minha filha na casa da minha mãe. Mas, às vezes, ficava.

- Quem perder na purrinha paga a cerveja!

Eu não queria jogar purrinha, não fazia parte do grupo que ficava na "cozinha" do ônibus, cantando, jogando purrinha, para passar o tempo da viagem de Coronel Pacheco até Juiz de Fora,

principalmente às sextas-feiras. Mas ele, com o seu jeito democrático, me falou:

- Meu jovem, não seja por isto, pode jogar, que eu vou dando uns "pitacos" para você.

Peguei uns palitos de fósforo, quebrei-os em três pedaços e, como os demais do grupo, escondi-os nas mãos, colocando-as para trás.

- É a sua vez, dizia ele, sorridente. Antes que eu falasse um número, ele me sugeria: "Peça oito." E assim foi. "Agora peça cinco."

Não é que ele conseguiu, rapidamente, me excluir de pagar a cerveja! E como ele ria, ria com os dentes, com aquele seu jeito cariobaianeiro.

Extrovertido, adorava um debate, um discurso. Estava sempre participando de alguma coisa, ora como presidente da Cipa, ora como presidente da AEE. Dificilmente deixava escapar a oportunidade de pedir a palavra, que fosse uma simples reunião, uma assembléia, uma confraternização em dia de Natal, ou a fala de um diretor da Embrapa. Quando não levantava a mão alguma vez, os colegas ficavam olhando para ele como a perguntar o que houve. Ele punha as mãos nos bolsos da calça, sorria e logo fazia uma pergunta. Será que as mãos dele ficavam suadas, diante da possibilidade de falar em público? Será que o coração dele ficava trêmulo, tentando estruturar uma pergunta? Os colegas ficavam olhando para ele, esperando a pergunta dele. Sabia que olhavam para ele. Muitas vezes, ficava compenetrado, ouvindo, com as mãos no queixo. Em algumas reuniões, quando o palestrante perguntava se havia mais alguma pergunta, se ele levantava a mão, o pessoal colocava as mãos na cabeça. É que o pessoal, às vezes, estava doido para terminar a reunião porque já passava da hora do almoço.

Às vezes, ele aparecia de terno, todo sorriso. Alguns colegas faziam gozação com ele porque todo ano, no dia do aniversário dele, ele colocava o terno do casamento.

Num sábado, eu não pude jogar bola com o pessoal. Ele estava lá, todo feliz porque o time dele estava ganhando. Na arquibancada de cimento, ele, sentado, vibrava. Mas, de repente, ele começou a cuspir no chão; acharam estranha a atitude dele. Perguntaram o que houve, ele falou que sentia dor no coração e começou a enrolar a língua, a

trincar os dentes. Os colegas acudiram, levaram-no de carro à Cotrel, mas o médico não pôde fazer nada. Quarenta e dois anos... Disseram que era estresse.

Eu o vi pela última vez no Parque da Saudade. As pessoas cantavam: "Segura na mão de Deus e vai..."

Ele se foi, mas me ficaram essas lembranças dele.

É A VÓ!

Newton Luís de Almeida

Conto selecionado no Concurso 20 Anos do CNPGL

O nosso amigo Éder Sebastião dos Reis é uma das figuras mais populares do Gado de Leite, tanto pelo fato de ser um funcionário sempre participativo, quanto pela sua maneira de ser. Já foi membro da Cipa, da AEE, do Sindicato. Sempre presente em comissões, reuniões. Em festas do Centro, dificilmente deixa de ir. Em “bota-fora” de estagiários ele sempre arranja um jeito de comparecer. Aliás, é uma pessoa muito querida dos estagiários, porque é sempre atencioso, gentil e trata a todos com simplicidade. Ele é uma pessoa muito animada. Sua simplicidade não o inibe de pegar um microfone e falar e cantar em público.

Mas há um fato que o faz ser ainda mais popular. É que ele herdou do pai o apelido de **pato**, e, tal qual o pai, leva as brincadeiras na esportiva, tanto que isso faz com que ele seja uma pessoa muito querida de todos. E o mais engraçado é que ele sempre responde: É a vó!

Os colegas inventam as coisas mais engraçadas que dão a idéia denotativa do pato, ou seja, a *ave da ordem dos anseriformes, da família dos anatídeos*. Se bem que, na brincadeira, vale também o sentido conotativo. Qualquer coisa que lembre o pato, até mesmo o radical grego *páthos*, em coisa que nada tem a ver com pato, o animal de duas patas. Se bem que o pato (denotativo) não deve ser só bígamo; bem, pelo menos o galo não é: pintou no terreiro, ele **tchan!** “É pá e bola”, ou como diz o Chico Anísio: “É vapt-vupt”. Bem, mas isso nada tem a ver com o nosso amigo pato. O caso dele é a paciência que tem para se lidar com apelido, coisa que muita gente não tem. E ele sabe que apelido é uma coisa que com o tempo some quando não se lhe dá muita importância, quando o apelidado não liga e deixa entrar por um ouvido e sair pelo outro. Mas existe algo de homérico, não, de panglossiano, não, sei lá, só sei que, ao invés de ficar raivoso, ele se diverte também, acha engraçado, principalmente considerando a originalidade da brincadeira.

Se está chovendo, alguém logo diz a ele: "Hoje o dia está bom para você". "É a vó!"

Até desenho! Estagiários na área de desenho pintam e bordam com ele! Teve um que desenhou uma arca de Noé, cheia de bichos e o Noé na parte de cima, com uma vara de pescar, dizendo: "Só falta o pato". E chegando um pato dentro da água, aparecendo no balãozinho cobras e lagartos e a famosa frase: "É a vó!"

Eu mesmo já brinquei com ele várias vezes. Uma vez ele veio do almoço, a pé, pela "matinha", com um grupo de pessoas, e eu lhe disse: O que você anda a gracitar com as meninas? Ele achou graça, como se dissesse: "até você, hem?! Falou que era a vó, mas queria saber o que era gracitar.

Se eu fosse contar todas as vezes que alguém brincou com ele por causa do apelido, eu precisaria indagar, pesquisar, coletar dados com os colegas e talvez desse para escrever um livro. Cada um tem o seu caso e até você que não o conhece já deve estar "bolando" alguma coisa para brincar com o "pato".

Interessante é a psicologia dessa pessoa tão querida de todos. Quando uma pessoa está feliz, "com a corda toda", brinca com ele, ele amavelmente responde: "É a vó!". E quando ele talvez nem alegre esteja, mas percebe que um colega está com estresse e por alguma forma brinca com ele, da mesma forma gentil ele responde: "É a vó".

Uma vez passei por ele, não brinquei e veja o que aconteceu:

- É a vó!
- Mas eu não disse nada!
- Mas pensou ...

O CAMALEÃO ALFACE EM JUPARANÃ

Fábio Cordeiro de Souza

Conto selecionado no Concurso 20 Anos do CNPGL

A chamada família embrapiana já viveu seus melhores dias de fraternidade, companheirismo e solidariedade. Os eventos realizados no Centro de Gado de Leite, em Coronel Pacheco-MG, sempre foram compartilhados com os companheiros de Barão de Juparanã-RJ, na Fazenda Santa Mônica, ou vice-versa.

E foi assim com o Grupo de Teatro Experimental. Logo depois das apresentações de *O Rapto das Cebolinhas* no salão preparado na Escola Estadual Sgt. José Manoel de Oliveira, no Campo Experimental de Coronel Pacheco, a notícia se espalhou e, com isso, gerou o interesse de uma apresentação da peça em Santa Mônica.

Para um grupo de amadores, com poucos recursos materiais e humanos, além da falta de flexibilidade de horário, era um tanto difícil. Por isso, mais uma vez tivemos de recorrer à chefia para estudar a viabilidade de levar o grupo para uma apresentação em Juparanã. O Dr. Roberto P. Mello não só autorizou, como fez, do próprio punho, um bilhete ao Dr. Aloísio Torres, na época chefe do C.E.F.S.M., pedindo-lhe que fosse dada toda a atenção e o apoio necessários para a realização do evento.

O primeiro passo fora dado sem maiores problemas. Fomos à Santa Mônica, conversamos com o Dr. Aloísio e com ele saímos em campo para descobrir um local onde pudesse ser montada a peça. Galpão da oficina, estábulos, pátios e salas da sede da fazenda foram sondados. Nada que agradasse. Faltava, então, o casarão que fora destinado à residência do Duque de Caxias. Aliás, conforme inscrição na placa que homenageava o dito cujo, do **íncrito** Caxias.

Com suas dependências muito espaçosas, o casarão foi eleito como o local ideal. Mas não todo; apenas um dos salões.

Após discutidas todas as necessidades, o Dr. Aloísio mandou que se fizesse uma limpeza no local e que fosse montado o palco. O trabalho

dos nossos colegas da fazenda foi digno de elogios. A madeira utilizada foi cortada com precisão, e com muita habilidade foram-se encaixando cantoneiras, travas, *mãos francesas* e tudo mais, ficando para o grupo apenas a instalação elétrica, que iria permitir os efeitos de luz e sombra, fundamentais para o entendimento da peça. E como o grupo já tinha a experiência de Coronel Pacheco, poderia ficar para o próprio dia da apresentação, desde que chegássemos com algumas horas de antecedência.

O transporte do material -*cenário, roupas, fios, refletores e demais "bugigangas" cenográficas* teriam de ir de caminhão. Sem problemas.

Elisa e eu nos dispusemos a ir juntos, no mesmo caminhão. Facilitaria, pois, bem cedo começaríamos a montagem e quando, mais tarde, chegasse o restante do elenco seria completado o trabalho.

Mas, nem tudo são flores na vida artística. Parece até que os espinhos se multiplicam.

Sáímos bem cedo, com o nosso colega José Sell no comando da *Mercedinha 608*, lonada porque a natureza ameaçava chorar. E choveu. E talvez a chuva tenha confundido o nosso **experiente piloto** que, embora sempre afirmando que conhecia a estrada como a palma da mão, errou o caminho.

Na medida em que fomos nos embrenhando por terras (alagadas) **nunca dantes percorridas**, sentíamos a sensação de que, a qualquer momento, poderia ocorrer uma pane no motor do caminhão e não chegaríamos a tempo de montar e apresentar o espetáculo.

Depois de quase cinco horas de viagem, chegamos.

Enfim, salvos! Para trás ficaram rastros nas estradas e ruas sem asfalto nem calçamento, de municípios que nem imaginávamos existir: Pedro do Rio, Secretário entre outros, nas imediações de Itaipava e Petrópolis-RJ.

O Rapto das Cebolinhas contava a estória do Coronel Felício, que vivia com seus netos Lúcia e Maneco e os animais de estimação: Simeão - o burro, Gaspar - o cão e Florípedes - a gata, em sua bem sucedida propriedade.

Visando à sua longevidade, o Coronel Felício havia importado da Índia três mudas de cebolinhas que tinham a propriedade de rejuvenescer. Com os cuidados que devem ser dedicados ao mais sofisticado projeto de pesquisa, foram plantadas e eram sempre regadas e observadas.

Como a notícia se espalhou, não tardou para que alguém, sorrateiramente, furtasse uma das cebolinhas. E a trama se desenrola com o desespero de todos, sendo montado um forte esquema de vigilância para evitar o desaparecimento das demais cebolinhas. Com os rumores, surge um detetive - com diploma e tudo -, que promete prender o meliante e fazer voltar a paz na propriedade do coronel.

O detetive era interpretado pelo colega do Setor de Laboratório, Celso de Castro Perobelli, e respondia pelo nome de Camaleão Alface. Como um grande investigador, que detinha várias medalhas de honra ao mérito, distintivo de “sheriff” etc. e tal, Camaleão Alface precisava conquistar a confiança de todos da casa, principalmente dos animais, porque, muito coincidentemente, era ele próprio o ladrão.

Essa situação, imaginada pela autora, Maria Clara Machado, induzia o personagem a ter muitos diálogos, forçando “uma grande amizade”, a ponto de quase se transformar em alguém acima de qualquer suspeita.

Mas, quem se lembra do Celso?

No palco, sempre muito responsável, vibrava com a arte de representar. Na vida real, sempre que oportuno, lá estava ele com um copo de cerveja na mão, a tagarelar anedotas e pilhérias, quando não falava de sua grande paixão, alguém que também trabalhava no grupo. Só que o amor nunca foi declarado.

A recomendação era para que não bebesse, pois com o Sistema Nervoso Central alterado poderia esquecer o texto. Isso levaria a pelo menos duas situações: ou provocaria uma lacuna, prejudicando aos outros atores, ou poderia se trair, num improviso pouco elaborado, mudando a “cara” do espetáculo.

A marcação era cerrada com o Celso. Sua vontade de colaborar, porém, superava qualquer indisposição com o grupo que pudesse

permeiar sua memória.

Por causa da aventura **nas curvas da estrada de Secretário** e o conseqüente atraso, a vigilância foi, involuntariamente, afrouxada. E lá foi o Celso para os botecos de Barão de Juparanã, deixando a todos **mortos** de preocupação.

Pouco tempo antes da hora do início o Celso chegou. O rubor das faces, a voz tendendo a pastosa e a empáfia dos “albertos robertos”, ao ser repreendido, indicavam claramente que havia bebido. E a apreensão: vai errar!

Não deu outra. Errou. E errou várias vezes. Mas improvisou, e tudo bem.

Entretanto, em um dos vários momentos de crise na peça, em que o Camaleão Alface já havia se tomado suspeito, e discutia com a neta do coronel, na tentativa de jogá-la contra seu irmão Maneco, o fim de sua fala era “...e o Maneco está furioso com você!”

Silêncio profundo no salão que abrigava, além dos empregados, familiares e gente da comunidade, uma turminha muito especial: cerca de 60 crianças do Patronato de menores Asilo Agrícola Santa Isabel, que haviam sido convidadas desde que ficou decidida a apresentação.

Em cena, Gaspar, Florípedes e Simeão tentavam transmitir à Lúcia o que já sabiam; Camaleão Alface gritava com a Lúcia, tentando intimidá-la. No final, gaguejante como os que se esquecem, soltou: “...e o Maneco está... e o Maneco está... e o Maneco está muito *puto* com você!”

Isso foi há 16 anos. Os tempos eram outros e a moral impunha limites mais rígidos. Houve um choque e, depois, algumas broncas.

Durante muito tempo, mesmo depois de sua morte, o grupo se lembrou do ocorrido, mas jamais guardou rancor do Celsinho. Tanto que a peça seguinte, *O Mistério das Três Horas*, foi dedicada a ele.

E este artigo também.

A CILADA

Írio Bruzzeguez

Conto selecionado no Concurso 20 Anos do CNPGL

Corria o ano de 78. O CNPGL era um burburinho. Pesquisadores instalando seus experimentos, datilógrafos e secretárias no seu dia-a-dia em seus afazeres, novos empregados chegando, fazendo daquelas 12 horas longe da querida Juiz de Fora um mundo aconchegante, feito de amizade, companheirismo e principalmente ajuda mútua.

Naquela descontração, muitos colegas não se preocupavam em guardar seus objetos pessoais, que ficavam, na maioria, em cima da mesa, pois a confiança no companheiro de sala era recíproca, o que acontece até hoje.

Mas um fato estranho começou a preocupar alguns pesquisadores. Estava sumindo, de suas carteiras, dinheiro vivo. O curioso é que o gatuno levava somente uma ou duas notas de 10 ou 50 cruzeiros, deixando as demais, de propósito. Sua visita era sempre no intervalo do almoço, quando todos se dirigiam para o refeitório.

O sumiço tomou-se freqüente e o mais prejudicado foi o Leovegildo Lopes de Matos, o Léo, que, visitado várias vezes, resolveu dar um basta naquilo e arrumou uma cilada para pegar o famigerado "ladrãozinho". Deixou, de propósito, sua carteira em cima da mesa e escondeu-se dentro do armário, de onde pela fresta podia ver tudo o que acontecia na sala. Numa posição incômoda, devido ao seu tamanho, esperou, com paciência. O tempo passou, os colegas chegaram e nada aconteceu.

No dia seguinte, o mesmo esquema. Após uns 20 minutos dentro do armário, quase sufocado pelo calor, o Léo notou que a porta da sala abriu e o gatuno entrou sorrateiramente, pegou a carteira, escolheu algumas notas e colocou-as no bolso. De um salto, o Léo abriu a porta do armário, agarrou o gatuno, gritando: *te peguei, seu ladrão safado*. O espanto do gatuno ao deparar com o Léo saindo do armário deve ter sido uma cena patética. Ele gaguejava, tentando desculpar-se,

mas foi em vão. Descoberto, foi demitido sumariamente, graças ao herói do dia. O gatuno era um funcionário da firma de manutenção e limpeza.

No tempo de escola, o Léo tinha o apelido de **Pluto**. Seu faro de detetive foi inspirado naquele personagem da história ou foi mera coincidência ?

O POETA E O PROFESSOR

Newton Luís de Almeida

Em 1979, quando comecei a trabalhar como datilógrafo no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, unidade da Embrapa em Coronel Pacheco, o chefe era o Dr. Roberto Pereira de Mello.

Trabalhei por uns tempos no Setor de Almoxarifado, até que o Chefe me transferiu para o Setor de Protocolo, como Auxiliar Administrativo. Vendo que eu era formado em Letras, ele resolvera me passar uns trabalhos de pesquisa para que eu fizesse revisão gramatical neles. E, com isso, foram aparecendo mais e mais trabalhos para eu corrigir. Achei muito bom porque, afinal, eu estava fazendo um serviço que estava ligado à minha formação. Eu me formara em 1978 e relutava em dar aula, por causa da minha timidez.

Coincidiu estar programado um curso de treinamento em Brasília sobre comunicações administrativas. Fiz a inscrição. Lembro-me que o Wilson Sant'Anna, a quem substituí, porque quis trabalhar no Setor de Zootecnia, falou que eu tinha muita sorte.

- Eu estava esperando há bem tempo sair esse curso. Sempre quis viajar de avião e conhecer Brasília.

- Pois eu prefiro viajar de ônibus... falei com ele.

O fato é que o curso foi em Belo Horizonte, na sede da Epamig. Fiquei uma semana lá. Conheci colegas de outras unidades. Visitamos as instalações da Epamig, a Fazenda Santa Rita, onde o Paulo Piau nos mostrou experimentos. Até a inseminação artificial eu assisti. Fomos ao Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo, em Sete Lagoas, onde vimos muitas coisas, inclusive um biodigestor, no qual o biogás era produzido pela fermentação do bagaço de cana. O Setor de Protocolo de lá estava mais "adiantado" do que o nosso. O curso foi ótimo. Quando retornei ao serviço, fiz um baita relatório para o Chefe. E logo logo o Setor mudou de sala e passou a se chamar NDCA, porque era uma réplica do NCCA da Sede, em Brasília; ganhou um balcão, para que não houvesse trânsito de pessoas ("O NDCA é um setor de sigilo."); ganhou máquina de franquear (imagine como era selar um montão de cartas!); ganhou um telex (tive até de

escalava para ajudar a servir o almoço no refeitório, justamente no dia em que ele vinha mais elegante: calça «bag» branca, camisa impecável, sapato ou bota combinando. Devo confessar que era uma honra ser servida por garçom tão lindo, mas a amizade ajudava a sentir raiva naqueles momentos. Seu sonho era ser comissário de bordo de uma grande companhia aérea e, soubemos mais tarde, conseguiu.

Daio era o avesso da vaidade. Tinha uma beleza interior maravilhosa e uma inteligência privilegiada. Sua natureza era elétrica. Sempre falando, sorrindo, trabalhando, agitando, elaborando programações para felizes «happy hours». Certa vez me confessou que havia ficado muito triste com o resultado do concurso no qual fui selecionada, mas que acreditava no seu destino para grandes realizações e que talvez o Centro não fosse palco para tudo aquilo que planejava fazer (e podem ter certeza de que não foi mesmo). E que ter me conhecido havia valido mais à pena. Choramos juntas. Ríamos, viajávamos e «bebemorávamos» todos juntos.

Até que o dia nefasto chegou. O dia do final do contrato, fatalmente, veio nos afastar. Lembro-me que, naquele dia, o silêncio era grande na sala do «pool», normalmente sempre barulhento: quer pelas impressoras, quer pelo barulho dos teclados, quer pelas nossas conversas, quer pelas nossas gargalhadas. Naquele dia, não. Estávamos tristes. Beto e Daio tentavam nos alegrar como de costume, mas estava difícil. Eu, particularmente, me culpava por ter passado no concurso. Afinal, estava bem empregada anteriormente e eles não tinham perspectivas de nada certo, a curto prazo.

Aproximadamente às quatorze horas, foram definitivamente desligados de nosso convívio. Não me lembro se foram chamados à sala da chefia ou ao SRH ou a nenhum dos dois. Só me lembro que Angela e eu estávamos na janela, olhando os carros que passavam rápidos na rodovia. Estávamos chorando, é bem certo. Silenciosamente. De repente, eles entraram com uma alegria que até incomodava. Sorriam, abraçavam, davam beijos e faziam promessas de encontros e reuniões. E se foram.

Aí é que me vem à mente a cena: num último momento (de rebeldia, talvez), saíram descendo pelo gramado verdinho e bem cuidado em louca correria, dançando, pulando, dando vivas, acenando... até sumirem em direção ao ponto do ônibus que os levaria aos seus destinos.

TEM QUE CONSULTAR AS BASES!

Maria Elisa Monteiro

Naquele dia, estávamos apreensivos. Ivon, nosso bom e saudoso Ivon Mendes Louzada, no seu canto, resmungava: «*tem que consultar as bases, tem que consultar as bases...*». Eu, meio que sossegada, aguardava a bomba estourar. Afinal, nosso papel na difusão era o de providenciar tudo para ontem. De tudo e para todos. Mas, pelo alerta sinalizado pela pessoal do Setor, seria difícil agradá-los, tamanha a expectativa dos «masters of masters» do melhoramento genético animal do Gado de Leite. Pelo que soubemos, via corredor (daí o receio do Ivon), aquele simpósio seria de arromba: internacional, fenomenal, «escambau e madureira»...

Procurávamos, em nosso cantinho de criatividade, um espaço para tirar alguma coisa que encantasse aos nossos exigentes «clientes». Folder, cartaz, anais, crachá, pasta, blocos de notas, certificados, tudo enfim. E a marca? Qual poderia ser? Vaca teria que ter, com certeza. Mas, e melhoramento genético? Tetas? Sêmen? O que, meu bom Deus?

Ficamos nesta luta por uma semana. Ivon rabiscava o dia inteiro. É bem verdade que não tínhamos muito jeito para desenhar, mas dávamos nossas idéias a um profissional e aí a coisa deslanchava... Mas ninguém da organização do simpósio nos procurava com dados e informações mais precisas. E o Ivon resmungando: «*Tem que consultar as bases... tem que consultar as bases!*»

Até que um dia, chegaram. Belíssimos, de primeira qualidade. Folders, cartazes, tudo enfim. Made in Brasília. A sede providenciara tudo. Tudinho mesmo. Ficamos admirando o material: papel de primeira, impressão em três cores, padrão marrom, amarelo e preto. Um luxo! Texto bilíngüe. Foram trazidos pelo grande Sebastião Freitas, jornalista da sede. Ele veio exclusivamente para apresentar o material solicitado para o primeiro simpósio de grande porte organizado pelo CNPGL. É bem verdade que alguns exemplares já haviam ficado na sala da chefia, para examinarem o material belíssimo.

Na sua humildade, Ivon admirava o material e concordava que aquele tipo de coisa tão bonita só poderia ser providenciado pela sede, pois por mais que nós nos esforçássemos, não conseguiríamos chegar àquele nível de qualidade e sofisticação. Ficamos babando...

De repente, adentra a sala um «touro PO» bufante de raiva. Coloca a mão na cintura e, esquecendo-se da presença do «estranho» Tião Freitas, sapeca na nossa cara, direto: - *Quem foi o idiota que fez isto aqui?* E mostra o folder do Simpósio.

Nós três, assustados, escutamos novamente a pergunta e, desta vez, o olhar gelado fixava os nossos, como que aguardando a resposta humilde. Nosso rosto pegava fogo de vergonha e susto. Nossos corações batucavam.

E o Tião, do alto dos seu metro e quase outro, levanta-se, calmamente, dá um passo à frente e diz: *«Fui eu, por quê?»*

As desculpas apareceram num esforço de se desfazer a «mancada». Numa outra sala, Ivon e eu, apesar do susto, ríamos a valer. Afinal, poderia ter «sobrado» prá nós! E, afinal, tiveram, de uma maneira meio atrapalhada, que consultar as bases!

Newton Luís de Almeida

Quando me lembro do Sr. Arindo Zambelli, vejo-o diante da máquina de escrever FACIT, sempre às voltas com formulários de controle de bens da Embrapa. Ele trabalhava no Setor de Patrimônio.

De tempo em tempo aparecia ele nas salas para conferir e registrar bens. Era só haver mudança, compra ou troca, lá ia o Sr. Arindo com a furadeira na mão, para pregar a plaquinha de patrimônio. Por muito tempo andou também colando uma etiqueta redonda do DRM. Fosse uma mesa de madeira, cadeira, armário ou estante de aço, qualquer máquina ou equipamento, lá estava ele com a máquina de furar na mão. Em qualquer lugar onde houvesse um bem da Empresa precisando ser registrado, lá ia ele, com sua bicicleta velha, pesada, antiga.

Mas não é só de trabalho que vive o homem. Também é preciso se divertir, ter seus momentos de lazer. E o Sr. Arindo, além de um funcionário muito dedicado à Embrapa, soube nos proporcionar momentos de alegria e diversão. É que ele tinha o costume de organizar excursões. Datilografava uns cartõezinhos e distribuía-os entre os colegas.

- Você vai na excursão do Sr. Arindo em Aparecida?

- Não, lá eu já fui; estou pretendendo ir na que vai ao Rio de Janeiro, na passagem de ano.

Só sei que por muito tempo eu e a minha família - até a sogra - viajamos em excursão a vários lugares.

O Sr. Arindo, acostumado que estava a fazer controle de material, também não ficava atrás na organização das viagens. Já tivéramos visto oferendas a Iemanjá e as cachoeiras de fogos de artifícios que desciam de edifícios de Copacabana, na passagem de ano. A visita

à Basílica de Nossa Senhora Aparecida também foi ótima. Mas o que mais gostávamos eram as excursões de praia. Éramos “farofeiros” mesmo! Fazíamos valer o pensamento de não sei quem: “A praia é dos mineiros.” O ônibus ia carregado de latas de refrigerantes, cervejas e tudo quanto era coisa de “farofeiro”.

Lembranças boas de Cabo Frio, Copacabana, Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca. Fotos com a família, com os colegas da Embrapa. Passeios de barco. Barca Rio-Niterói. Quinta da Boa Vista. Praia. Areia. Mar. Cerveja. Peixe. Tantas lembranças boas. Mas um dia o Sr. Arlindo não quis mais saber de excursão.

É que uma vez lotamos um ônibus e fomos à praia da Barra. Dentro do ônibus era só alegria. Surpresa de ver colegas que ainda não tinham viajado com a gente. E aquela impaciência geral de não ver a hora de pôr os pés na areia da praia. Só que, ao chegarmos lá, o ônibus ficou estacionado debaixo do viaduto e sabem o que aconteceu? Chovia, ventava e fazia frio! Não era aquela chuva de verão, não! Se fosse uma pancada boa, não havia problema, mas era aquela chuvinha fininha, tão fininha, que ela não caía na vertical, não: caía na horizontal, empurrada pelo vento frio, que doía nas costas da gente. O Sr. Arlindo, esfregando as mãos, com ar de mineiro, reclamava: É gente, tá danado!...

A gente olhava para fora, quase que não via nada. Parecia estarmos numa casinha na roça olhando a noite pela janela. Teve um rapaz dentro do ônibus que, de sunga, assomou diante de todos. “Esse cara é doido!”. Ele saiu dizendo que não ia perder o dinheiro da viagem, não! Sumiu em direção à praia, que, do ônibus, parecia estar distante dali. Não demorou muito e lá veio o rapaz, todo afrangalhado (xi! o dicionário não tem essa palavra! Eu ia escrever pinto pelado, todo molhado, caiu no melado...).

Eu e a minha esposa estávamos encolhidos na poltrona do ônibus. Lá fora um homem fritava sardinhas, a fumaça se espalhava ao vento e o cheiro chegava ao meu nariz. Minha esposa não quis sair do ônibus, eu fui sozinho.

- Moço, me vê uma dose de pinga e um peixe, pedi.

Vendo que não tinha jeito mesmo, o Sr. Arlindo perguntou se a gente queria ir ver o aeroporto do Galeão. Vamos, dissemos. Lá, até que o

tempo deu um ar de melhora, mas o vento estava tão forte e frio, que estava cada um mais encolhido do que o outro.

- Esse vento vai me carregar, brinquei.

Não teve jeito: fomos embora.

Em outras vezes, pelejamos para que o Sr. Arlindo organizasse outras excursões à praia, mas ele sempre dizia que não dava, que não estava mais querendo mexer com excursão. A gente falava com ele: Ah, seu Arlindo, essas coisas acontecem.

Mas, que pena! Nunca mais houve aquelas excursões...

Írio Bruzzeguez

Quem costuma passar pela matinha após a refeição do meio-dia, principalmente, se ficar atento vai notar diversos tipos de árvores e seus frutos, plantadas com carinho por empregados da antiga Fazenda Experimental de Água Limpa, hoje CNPGL. Jambosa, eugênia, azedinha, sapucaia, cacau e a mais conhecida -cotia- ou humbrigueiro de cavalo, que foi protagonista de uma cena histórica e hilariante.

A cotia é uma árvore de porte alto e seu fruto grande é revestido por uma casca grossa, escura que, caindo no chão, abre-se com o tempo, deixando à amostra uma castanha amarelada, do tamanho de uma bola de tênis. No interior desta castanha, pequena amêndoa, de cor branca. É um santo remédio para provocar uma violenta diarreia, mesmo se ingerida em pequena quantidade, não sei ao certo o porquê de humbrigueiro para cavalo, especificamente.

Corria o ano de 79 e o Centro estava sendo estruturado, ajeitando empregados em seus respectivos locais e funções.

Na recepção atendia uma simpática colega que hoje ocupa um cargo de destaque, devido a sua capacidade de trabalho e aqui fez carreira, bem merecida. Um pesquisador que gostava do mal feito, resolveu aprontar com aquela simpática funcionária. Cortou a amêndoa em pequenos pedaços e fingiu que estava comendo-os, chamou outro colega para cúmplice e juntos aproximaram-se da mesa de recepção.

O que vocês estão comendo? Perguntou a colega e naquele momento aproximou-se sua amiga, que também ficou curiosa. É uma amêndoa gostosa que tem ali na matinha, de sabor igual ao côco. Posso experimentar? claro! Aceita também, colega? Sim. Aqui estão dois pedacinhos para vocês. Se gostarem traremos mais.

E as duas saborearam a amêndoa. Furtivamente os dois se mandaram e, de longe, ficaram na espreita. Num prazo de 15 minutos, a amêndoa começou a surtir o efeito esperado. As duas

passaram a subir e descer as escadas que levava ao tolete. E assim foi a tarde toda. Dois dias se passaram e nada das funcionárias. No terceiro dia apareceram. Olhos fundos, pálidos, nitidamente com alguns quilinhos a menos. No sorriso sarcástico dos responsáveis pela diabrura, uma ponta de arrependimento, ante o deplorável estado das colegas, que através da gula, sentiram os efeitos da cotia, o humbrigueiro dos cavalos. Imagine se tivesse comido a amêndoa inteira.

DESCOBRINDO TALENTOS

Fábio Cordeiro de Souza

Desde as nossas primeiras participações com os embrapianos, realizadas na praça de esportes, começamos a nos preocupar com um aspecto que poderia contribuir para uma melhor formação dos adolescentes, filhos dos empregados da Embrapa, residentes na área do CNPGL. Com uma experiência anteriormente adquirida, pensamos em um grupo de teatro, composto pela “prata da casa”. Falamos a algumas pessoas e pedimos que falassem a outras, que falassem a outras, que falassem a outras...

Não tardou muito, e fomos cobrados a iniciar o movimento. Com o apoio e o entusiasmo do nosso colega Beto (Roberto Martins Duarte), hoje funcionário da Epamig, convidamos a todos os interessados para uma “palestra”, no salão de reuniões do Laboratório Central. Num sábado à tarde, com uma presença de mais de trinta jovens, expusemos nossa idéia da formação de um grupo de teatro, que teria o caráter experimental e que, se vingasse, poderia tomar-se um grande aliado, tanto para os jovens quanto para toda a comunidade aqui residente, pois o grupo, após um período de amadurecimento, dramatizaria suas próprias inquietações escrevendo os textos e, conseqüentemente, repassaria aos familiares a responsabilidade de discutir e resolver, eles mesmos, os seus problemas.

Poucos eram entre os presentes que já haviam assistido a um espetáculo teatral. Alguns não tinham a menor idéia. A arte de representar parecia coisa de especialistas, gente diferente, que se distanciava muito da realidade deles. E, em parte, tinham razão, já que tudo que se tinha visto até então eram apresentações escolares, em datas específicas como Dia das Mães, Natal, Semana da Pátria etc., despretensiosas e com um tom excessivamente amadorístico. Nossa proposta era de fazer teatro. Amador, sim, mas com a responsabilidade dos profissionais.

Para que pudéssemos nivelar o conhecimento, propusemo-nos a voltar no sábado seguinte e, dependendo do interesse, quantos mais

fossem necessários, até que houvesse o interesse real. E assim foi feito: todo sábado à tarde, com informações sobre a origem e a evolução do teatro - um apanhado desde o século III a.C. até o Teatro Novo - falávamos "até babar na gravata".

Muitos não suportaram e foram, aos poucos, abandonando o movimento. O grupo, reduzido a sete ou oito pessoas, queria demonstrar que havia assimilado a teoria e já podia passar à parte prática. Com textos gentilmente cedidos pelo José Luiz Ribeiro, diretor do Centro de Estudos Teatrais - Grupo Divulgação, começamos a fazer leitura, com vista a descobrir o potencial e distribuir os papéis conforme o talento de cada um.

À medida que o interesse crescia, era necessário intensificar os encontros e recorremos à chefia do CNPGL, na pessoa do Dr. Roberto Pereira de Mello. Foi então autorizado pelo chefe que nos dias de ensaio, o carro destinado ao plantão nos levasse a Juiz de Fora, o que ocorria sempre após as 21h. Outro problema era o local para os ensaios. Um contato com a diretora da Escola Estadual Sgt. José Manoel de Oliveira, e tudo resolvido. Podíamos usar as instalações da escola.

Como os textos cedidos pelo Grupo Divulgação eram destinados a atores experientes, textos antológicos, como O Auto da Compadecida, sabíamos da impossibilidade da montagem de uma daquelas peças. Mas valia o exercício.

Quando foi aberto o concurso para admissão de pessoal no quadro efetivo da Embrapa, em julho de 1979, o Centro de Gado de Leite e o grupo de Teatro Experimental foram privilegiados. Entre os empregados admitidos no mês seguinte ao do concurso, estava a nossa colega Maria Elisa Monteiro, a Elisa, que, além de uma invejável experiência profissional, trazia consigo uma vivência do movimento Bandeirantes, onde trabalhou sob a liderança de Maria Clara Machado, a consagrada autora de teatro infantil. Poucos meses depois o grupo já contava com a colaboração da Elisa que, além de incorporar seus dotes artísticos ao grupo, trazia também alguns textos, dos quais foi selecionado um de acordo com os recursos disponíveis, ou seja: que tivesse um número de personagens igual ao número de atores de que dispúnhamos, e cuja produção tivesse o menor custo possível.

Para fazer frente às primeiras despesas foi elaborada uma "ação

entre amigos”, que sorteava uma calculadora. Para as demais, o grupo montou uma barraca na festa junina, com um bingo que premiava aos ganhadores com brindes oferecidos por colaboradores.

Além dos ensaios, que adquiriram um caráter intensivo, a produção contou com a participação efetiva de todos do grupo e com a colaboração dos colegas da carpintaria, dos pedreiros, dos eletricitistas e de muitos outros.

O salão da escola, antes destinado a reuniões, festas e atividades específicas, recebeu a montagem de cortina com roldanas, palco com carpete (para encobrir as emendas das aparas de tábuas) e placas laterais de compensado, que permitiam modificar o cenário.

Os problemas - *que poderiam receber um capítulo à parte* - foram superados pelo entusiasmo, pelo esforço e, sobretudo, pelo carinho com que cada elemento do grupo se dedicou à construção do evento.

A recompensa veio na estréia, no dia 19 de julho de 1980. Casa cheia de adultos e de crianças, a expectativa transbordava nos olhares cintilantes.

E a platéia assistiu e aplaudiu a montagem de *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado, pelo Grupo de Teatro Experimental.

Como que aprovando a iniciativa, também presente à estréia o diretor do Grupo Divulgação, professor José Luiz Ribeiro.

Houve outras apresentações, incluindo uma na Fazenda Santa Mônica, em Barão de Juparanã, além da montagem de outra peça.

Mas esses fatos contam outros contos.

NÃO CONVIDEM PARA A MESMA MESA...

Maria Elisa Monteiro

No ano de 1986 o CNPGL completou o seu décimo aniversário e, naquele ano, o jornalista Renato Cruz Silva chegava ao Centro para coordenar a Difusão de Tecnologia. Boa pinta, simpático, experiente, super profissional, carismático, logo conquistou a todos não só da Difusão como também da Unidade. Mineiramente carioca, chegou sem muito estardalhaço (se bem que, sua chegada em Coronel Pacheco, propriamente dita, merecia um outro conto).

Logo tratou de «viver» a Unidade: entrou para o time de futebol da AEE (dizem que sua «bola» não era lá essas coisas); inaugurou a era das excursões internas, ou «caravanas do delírio», pois descobriu que a maioria dos empregados da Unidade não a conhecia, apesar dos «trocentos» anos de casa; colocou o nome do CNPGL junto à mídia da cidade e região; programou e participou de montagens dos stands da Embrapa em feiras e exposições (pagando alguns «micos», diga-se de passagem); organizou simpósios e seminários; assessorou a chefia (na época, do Dr. Airdem Assis); instituiu o informativo «Em Mãos»; recepcionou ministros, chefes de Unidades, políticos; promoveu reuniões sociais e institucionais; brincou, paquerou e foi paquerado pelas «moçoilas» das redondezas, enfim...

Em outubro daquele ano, elaboramos uma programação «porreta» para a comemoração dos dez anos: celebração eucarística na capelinha atrás do laboratório, com a presença dos ex-chefes e esposas; execução do hino nacional e de um fundo musical com grupo de música antiga do Conservatório Aydeé França Americano, com a participação do Mame Sidney de Paula, com sua flauta; vários painéis com fotografias da Unidade desde a inauguração, com a inestimável colaboração do arquivo do Eduardo Castor, o Dudu; e placas homenageando os «parceiros» da Unidade, incluindo ex-chefes, empregados, lideranças políticas, institucionais, profissionais etc., num total de 30 homenageados. Um sucesso!

Com a simpatia que lhe é peculiar, fez-se mestre de cerimônia (daí talvez tenha surgido sua veia artística para as apresentações das

atuais teleconferências) na dita cerimônia. Muitos convidados, muitos empregados - enfim, a festa estava uma beleza!

O que é imprescindível relatar é que, apesar de sermos uma grande família, que convive uma média de onze horas diárias, temos entre vários de nós algumas pequenas diferenças. Quer sejam em nível pessoal, quer sejam em nível profissional. Afinal, não somos «anjos de candura». Alguns de nós, educadamente, fica apenas nos cumprimentos, mas, por favor, não nos convidem para a mesma mesa! E foi o que, dentro da ingenuidade de quem acaba de chegar e não conhece as «diferenças palacianas», fez o Renato. Na hora da entrega das placas, pedia que alguns empregados as entregassem aos homenageados que não se «sentavam à mesma mesa». Foi um ti-ti-ti. Por dentro, eu ria a não mais poder. Ele, aéreo, sem saber o que acontecia, prosseguia com a cerimônia na maior seriedade.

No final, tudo acabou super bem. Vencidos o susto e a tremedeira iniciais, passamos para o encerramento da cerimônia, que culminou com um almoço caprichado no refeitório da Unidade. Quando contei a ele o que havia acontecido, riu demais. Mas me disse, entre sério e brincalhão, que faria tudo de novo!

O DIA EM QUE O CHEFE TEVE ACIDENTE

Írio Bruzzeguez

1º Ato: O SUBORNO

- Hei, Sarapieira! Cá entre nós, bem no sigilo. Aquele chefe ali, quando ele chegar perto de você para disputar a bola, dê um “pequeno tranco nele”, só para ele torcer o pé ou destroncar a mão e ficar alguns dias no “estaleiro”. Combinado? Depois a gente acerta sua recompensa.

- Que é isso? Não faço isso não!

- Que nada negão, é só um empurrãozinho. Ele já está “mais prá lá do que prá cá”, não vai ter problema, tá? Colabora com a gente.

2º Ato: ACORDO CUMPRIDO

O chefe sofre o “pequeno empurrãozinho”, e plagiando um locutor de futebol: está lá um corpo estendido no chão.

3º Ato: O SOCORRO

- Agüenta aí, chefe que vamos socorrê-lo. Alguém vai chamar o médico, vamos levantá-lo.

- Calma pessoal, estou bem, preocupa-me é que estou mexendo com os dedos da mão e não estou sentindo nada. Veja como eles estão se movimentando.

- Isto é bom, chefe. Onde dói. É aqui na clavícula?

- Aiiiiiii !!! Aí não, assim você me mata de dor. Por favor, levem-me ao médico.

- Hei, Waltinho, volta aqui com o meu guarda-chuva. O tempo está limpo, onde você está indo?

- Calma aí, companheiro. O Vander está pedindo urgente um guarda-chuva para proteger o rosto do chefe. Ele está conversando com os olhos fechados por causa do sol e não ficará sabendo quem está ajudando.

- E aí chefe, está boa a sombra? Vamos para o vestiário. Agüenta firme.

- Nossa! O chefe está branco que nem o dente do Sarapieira. Está

sentindo muito dor?

- Agostinho, aonde você vai ? o treino já terminou.

- Eu não jogo futebol, mas o chefe machucou e vou coordenar a operação de socorro.

4º Ato: A DECISÃO

- Chefe, é o seguinte: o senhor está todo sujo de grama, o corpo suado e precisamos dar-lhe um banho.

- Tudo bem, podem começar. Cuidado com meu ombro.

5º Ato: OPERAÇÃO LIMPEZA

- Osvaldo, você começa a tirar o calção e o Vander o coloca debaixo do chuveiro. Cóser, verifica se a água está morna.

- Com licença chefe. Aqui no seu pescoço, nas costas e em vários lugares tem grama agarrada. Vou tirar com cuidado. Cóser, cuidado aí, deixe este outro lado para o Vander.

- Osvaldo, tem mais grama por aí? Pronto, chefe, agora o senhor está limpo, parcialmente. Melhorou a dor? Femandão, arrume a toalha para enxugar o chefe.

- Eu, heim! Corta essa, é ruim, heim. Vocês começaram, agora terminem o serviço.

- Tudo bem. Cóser, já terminou aí? Passe a toalha para o Osvaldo para ele enxugar deste lado, que o Vander faz o resto. O Vander colocou a cueca do chefe muito em cima. Capriche no visual. Cuidado com a calça senão ele desequilibra. Segure aí, Osvaldo. Tudo bem, até que enfim terminou, chefe. Agora o senhor vai sem camisa para não forçar o braço.

- Obrigado, colegas. Vocês fizeram um bom trabalho.

6º Ato: O VISUAL

- Fernando, o chefe está mandando pentear o cabelo dele.

- Tudo bem, mas onde está o cabelo? Não tem nada para pentear. Em todo o caso, vou fazer o possível. Pronto, chefe, o senhor ficou legal. Agora é o sapato. Nossa! Chefe, não estou conseguindo. O seu pé está igual ao da Cinderela. Lindo! Mas este sapato, tenho certeza, não é o dele. Vou tentar mais uma vez. Se doer, avise-me. Ah! consegui! Pode caminhar, chefe. Já chegou o carro para levá-lo ao médico. Cuidado para entrar, olha a porta. Boa Sorte, chefe.

7º Ato: APÓS ATENDIMENTO MÉDICO

- Olha lá, Vander. Eu não disse que a cueca dele ficou para cima?
- Deixa prá lá, quase ninguém está vendo. Chefe mais branco ainda. O caso é grave? Fraturou o braço? Tudo vai ficar bem, não é?

8º Ato: A DESPEDIDA

- Vai com calma, Demerval. Cuidado com as curvas para não deslocar mais o braço do chefe. Que sufoco, heim? Waltinho, já devolveu o guarda-chuva? Não invente, Osvaldo. Quem enxugou naquele lugar foi o Cósér, pois é conterrâneo dele.

9º Ato: O ACERTO DE CONTAS

- Pô, Sarapieira! Eu pedi um “chega prá lá” só de alguns palmos e você manda o “atleta” no alambrado! Dá próxima vez, maneira, tá?
- Mas eu só encostei nele! Não sei porque ele caiu tão longe!

ATO FINAL

Aos personagens cujos nomes foram citados nesta pequena história verídica, parabéns pelo pronto atendimento prestado ao chefe, e que prevaleça o bom senso, considerando tudo como uma saudável gozação. Ao chefe, personagem principal, contra sua vontade e cobaia dos improvisadores “enfermeiros”, que esteja de volta em poucas semanas ou mesmo dias, no convívio de amizade e trabalho junto àqueles que estão torcendo pela sua rápida recuperação.

SOLÍCITO ATÉ DEMAIS

Fábio Cordeiro de Souza

Foi na década de 80, tempo em que havia um maior grau de confraternização entre os *embrapianos gadoleitenses*, e sempre havia motivo para uma comemoração.

O motivo deve ter sido uma comemoração do “Dia do Trabalho”, ou coisa parecida. Seguindo a praxe, foram formados vários times de futebol: os veteranos, o famoso primeiro quadro (naquele tempo ainda não tinham formado o time feminino), e o time misto, formado pelos que não tinham muita intimidade com a bola. Um dos nossos colegas (que preferimos seja identificado pelo leitor), com suas características de grande companheirismo, sempre muito solícito - momentaneamente se o obséquio era direcionado a alguém hierarquicamente superior - tratou logo de escalar o time, com o devido cuidado de se escalar também do mesmo lado em que jogaria o chefe Adjunto Administrativo.

Os atletas - com todo respeito aos que realmente o são - não tinham lá esse preparo físico. Dez minutos de jogo, e muitos já estavam com a boca aberta, a língua pra fora, e *aquela barriga* já quase precisava ser amparada com as mãos. Como o tempo ia-se esgotando e o nosso *querido chefe* não havia marcado nenhum gol, o nosso herói, digo o nosso colega, reuniu toda sua força e habilidade, correu para a defesa, recebeu a bola do goleiro, deu um passe para o meio de campo e como sabia que não havia ninguém lá, partiu como um raio e, sensacionalmente, dominou a bola, fez embaixadas, matou no peito, pôs no terreno, com cuidado olhou para os lados e, identificando o *parceiro ideal*, apontou, esticando o braço esquerdo, a posição que queria que o artilheiro estivesse. Antes mesmo que fosse admoestado pelos adversários, empreendeu uma corrida, fintando a tantos quantos surgiam à sua frente e sempre acenando - agora com o sinal de “vem comigo!” Já na entrada da grande área, talvez pelo afã de ver seu sonho realizado, escorregou e caiu pela grama áspera recentemente aparada para o evento. Rapidamente se levantou, titubeante, mas continuou enquanto o goleiro adversário, antevendo a tragédia, esbravejava: “*Segura o homem! Segura o*

homem!

Nosso craque, na mesma linha do parceiro se prepara para a proeza final e desabafa: Vai *tô lobato*, vai *tô lobato!* e passa a bola “redondinha”. O Dr. Lobato só teve o trabalho de encostar, de leve, o pé direito na *gorduchinha* e... goleiro pra um lado e bola pro outro. A vibração foi geral e, logo logo, o árbitro decretou o final da partida. Vitória! Vitória! Todo esforço recompensado, e o artilheiro, além de só não ser carregado no ombro do co-artilheiro por absoluta falta de resistência, foi brindado com vários copos de cerveja geladinha, ao som da badalada: *É big, é big é big é big, é big; é hora, é hora, é hora, é hora, é hora; rá ti bum, Lo ba tô, Lo ba tô.*

EMBRAPA-GADO DE LEITE - 20 ANOS:

Chefias:

Geral:

Hermenegildo de Assis Villaça - 1974/1977
Roberto Pereira de Mello - 1977/1982
Geraldo Alvim Dusi - 1982/1985
Fernando Procópio Scarlatelli - 1985/1986
Airdem Gonçalves de Assis - 1986/1990
Alberto Duque Portugal - 1990/1993
Mário Luiz Martinez - 1993/1995
Airdem Gonçalves de Assis - 1995

Adjunta Técnica:

Roberto Pereira de Mello - 1974/1977
Miguel Simão Neto - 1977/1981
Homero Abílio Moreira - 1981/1984
Airdem Gonçalves de Assis - 1984/1985
Rodolpho de Almeida Torres - Fev-abr/1986
Oriel Fajardo de Campos - 1986/1990
Mário Luiz Martinez - 1990/1993
Duarte Vilela - 1993/1995
Luciano Patto Novaes - Jan - Out/95
Luiz Gomes de Souza - 1995

Adjunta Administrativa:

José Lobato Neto - 1975/1980
Fernando Monteiro de Oliveira - 1980/1985
Cléverson Siqueira - 1985 - 1986
José Lobato Neto - Mar - Abr/86
Aloísio Teixeira Gomes - 1986/1990
Cláudio Nápolis Costa - 1990/1992
Luciano Patto Novaes - 1992/1993
Laércio Gomes Machado - 1993/1995
Aloísio Teixeira Gomes - 1995

Adjunta de Desenvolvimento

Luiz Gomes de Souza - 1995

Adjunta de Pesquisa

Terezinha Nogueira Padilha - 1995



Embrapa

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro Nacional de pesquisa de Gado de Leite
Ministério da Agricultura e do Abastecimento*